



EMERSON SOUZA

Moradora de favela carioca, Renata Faustino, número 1 do país, viajou pelo Brasil e para o Exterior para competir

Badminton Seleção feminina treina em Canoas para o Mundial

Um mundo novo graças à peteca

GUILHERME FISTER

Badminton não é uma palavra estranha para as 12 meninas que estão na Ulbra empunhando raquetes e batendo petecas por cima da rede. Elas fazem parte da seleção feminina que está se preparando para o Mundial por equipes, entre 15 e 18 de fevereiro, no Peru. Mas uma delas em especial, a primeira do ranking brasileiro, tinha tudo para nunca ouvir falar do esporte.

Renata Faustino, 17 anos, mora na favela do Chacrinha, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Desde o nascimento, tem um problema que a faz ter dificuldades para ouvir e falar. Aos nove anos, não sabia ler ou escrever. E quase não participou do programa da Associação Miratus, que tem um centro de treinamento de badminton na comunidade.

– Me lembro que a convidei, mas ela não apareceu. Fui buscá-la em casa, e a mãe disse que ela não sabia varrer, cozinhar nem limpar a casa e não saberia jogar “isso aí”. Argumentei que realmente ela não saberia se não tivesse a oportunidade – conta Sebastião Dias de Oliveira, idealizador do projeto.

Sorte que a mãe mudou de idéia. Depois de duas horas de prática, Renata sacava como uma velha conhecida do esporte. Hoje, além de primeira do ranking, é a atual campeã brasileira e uma das grandes es-

Centro de badminton

Não é a primeira vez que a seleção feminina utiliza o espaço da Ulbra para treinar. Em julho do ano passado, também sob o comando de Vera Mastrascusa, as meninas utilizaram as instalações da universidade. Como foram bem recebidas, a treinadora e diretora técnica da confederação tem planos.

– O badminton sempre foi muito social no Brasil. Agora estamos trabalhando visando ao alto rendimento. Uma idéia se-

ria criar um centro de treinamentos aqui na Ulbra – garante.

Segundo ela, a Federação Internacional do esporte já teria cogitado a universidade para criar um lugar de excelência para toda a América do Sul.

– As Américas ainda estão muito aquém em relação ao badminton da Ásia e da Europa. Eles querem um centro que possa desenvolver as seleções daqui e a Ulbra seria uma das opções – finaliza.

As meninas da seleção

Renata Faustino, 17 – Rio de Janeiro (RJ)
 Patrícia Oelke, 21 – Blumenau (SC)
 Mariana Arimori, 19 – São Paulo (SP)
 Carolina Sehanni, 20 – São Paulo (SP)
 Fabiana da Silva, 17 – Niterói (RJ)
 Roberta Angi, 19 – Campinas (SP)
 Ana Carla Zierke, 19 – Blumenau (SC)
 Thayse Cruz, 17 – Porto Alegre (RS)
 Lay-Ann Lie, 18 – São Paulo (SP)
 Layshee Lie, 16 – São Paulo (SP)
 Paula Beatriz Pereira, 17 – Niterói (RJ)
 Jaqueline Kaestner, 19 – Blumenau (SC)

peranças do badminton para o Pan do Rio, em 2007. Sem contar que seu conhecimento de mundo deixou de ser limitado à visão da favela.

– Conheci o Brasil inteiro, viajei até para Equador, Estados Unidos, Canadá – afirma.

Mas nem Renata está garantida

em Lima. A treinadora Vera Mastrascusa faz uma eliminatória entre as 12 candidatas ao Mundial desde o dia 9. A delegação nacional deverá contar com seis atletas.

– Poderíamos levar até 10, mas não temos verba – explica Vera.

Pelo menos em Canoas elas têm a estrutura necessária para treinar: quadra, departamento médico e alimentação, tudo fornecido pela Ulbra. Estão hospedadas em lugar próximo à universidade, subsidiado pela confederação brasileira, que também dá ajuda de custo.

Devido à convivência, o clima de união transformou a seleção em uma “grande família”. Rivalidade só nos campeonatos que Vera promove todo sábado, afinal, todas querem mostrar serviço e ir para o Mundial.

– Lógico, né? Espero ir para lá – projeta Renata.